



Homens & Lobos

S. Valentim, lobisomens e outros carnavais

Celebrámos há dias mais um Dia dos Namorados. Isto, como mandam os hábitos do calendário, pouco depois do Carnaval, ocasião festiva em que é da praxe muitos fazerem-se passar por aquilo que não são: homens vestem-se de mulheres, crianças disfarçam-se de monstros, os caretos invadem muitas aldeias portuguesas.

Há laços entre estas duas festas. Ambas nasceram na Roma antiga: a *Lupercalia* como rito propiciatório da fertilidade, que ocorria de 13 a 15 de Fevereiro e a *Saturalia*, que originalmente tinha lugar em Dezembro e envolvia a inversão dos papéis sociais, com os senhores a servir os escravos, e desfiles de mascarados.

Ora a *Lupercalia* tinha muito a ver com lobos: na sua origem estava o tradicional festival grego do lobo e de *Lupercus*, o deus romano da agricultura e dos pastores, a quem eram sacrificados animais na caverna onde Rómulo e Remo teriam sido criados por uma loba. Os rituais eram dirigidos pelos "irmãos do lobo" e os rapazes corriam quase nus pelas ruas, fustigando as raparigas com peles de cabra. Hoje em dia, reconhecemos muitas destas festividades num dia atribuído a um santo que provavelmente nunca viveu: o celebrado Valentim.

De regresso ao Carnaval, temos que um disfarce comum é sempre o de animal. E o lobisomem é inspiração tradicional em muitas paragens, da Europa ao Canadá, onde é conhecido como "Loup Garou". Na origem de tão singular criatura, terá estado o mítico rei Lycaon que foi, de acordo com o poeta Ovídio, castigado por Zeus após ter servido carne humana aos seus convidados; como punição, passou a assumir ciclicamente a forma de um lobo. Estando associado a um predador de tal forma significativo para as comunidades que com ele partilham territórios, nada de mais natural do que o fortalecimento do mito, de fábulas e histórias de assustar até Hollywood.

E se há muita variedade nas histórias de lobisomens em Portugal! Até temos, em Cambra, perto do rio Couto, uma "Cova do Lobisomem", caverna funda onde os monstros se acoitariam após noites de terríveis caçadas. Embora possa parecer estranho, em dias de TV e internet, os lobisomens lá vão sobrevivendo em credulidades espalhadas pelo País, mesmo em paragens onde nem lobos se vêem há décadas, sempre com pormenores distintos e feitiços específicos. Em Bragança, um lobisomem será o infame resulta-

do de relação pecaminosa entre padrinho e afilhada; na Beira Baixa, um padre se atrapalhe com as fórmulas sagradas na cerimónia do baptismo pode condenar a criança ao negro fado da licantropia. Em aldeias como Pitões das Júnias, na Parada, em Riba de Mouro ou em Pezões, o sétimo filho homem de um casamento poderá bem vir a assustar vales e serras com os seus uivos — só existe uma cura certa: a criança tem de ser baptizada pelo seu irmão mais velho.

Os lobisomens apresentam-se, como seria de esperar de entes amaldiçoados, como criaturas descoloridas e sorumbáticas; sempre condenadas a metamorfoses inesperadas, ao mínimo raio da lua cheia ou à simples chegada à meia-noite de terça ou quinta-feira, dependendo das tradições locais. Por vezes, nem sequer se parecem com lobos: em encruzilhadas, espojam-se nus pelo chão, imitando depois a forma do último animal que por ali tenha passado: cavalo, boque, galinha, burro, etc.

Mas, ao contrário dos congéneres europeus, os nossos licantropos têm brandos costumes; a maioria das lendas não lhes atribui massacres nem outras maldicoes; a Inquisição lusá apenas guardou deles dois processos. E podiam até ser curados: por exemplo, picando-os com uma vara até sangrarem bastante, desde que o sangue não salpique testemunhas do esconjuro — estas passariam também a lobisomens. Nas serras do Alvão, pisar a sombra ao bicho já basta para apagar a maldição. Nos arredores do Porto, cortar-lhes a cauda, uma orelha ou uma pata é a "terapia" indicada. Perto de Bucelas, é mais seguro virar do avesso a roupa do lobisomem, que se calhar desfalecerá de vergonha ao dar por si em tais preparos na via pública.

Mas a sobrevivência desta criatura fabulosa e com tantas facetas diversas anda difícil. Como competir por território nas nossas imaginações com super-heróis e *hobbits*? Como fugir à extinção, quando já nem nos recordamos de obras antes famosas como a peça teatral "O Lobisomem", de Camilo Castelo Branco, em que o protagonista se faz passar por fantasma e por lobisomem para se aproximar da amada? Que seja então o Carnaval a salvar da extinção estes monstros assustadores mas no fundo tristes e inofensivos.

Texto produzido no âmbito do Projecto LIFE Med-Wolf, cofinanciado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.

Correcção

A foto que, na passada edição, surgiu na página 8 não é do autor do texto mas de